

O PENSAMENTO DE SALAZAR

NO XX^o ANIVERSÁRIO DA LIGA
DOS ANTIGOS GRADUADOS
DA MOCIDADE PORTUGUESA

*PALAVRAS PROFERIDAS POR SUA EXCELENCIA O PRESIDENTE
DO CONSELHO, DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, NA AUDIENCIA
À LIGA DOS ANTIGOS GRADUADOS DA M. P., NO PALÁCIO
DE S. BENTO, EM 27 DE ABRIL DE 1965*

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

L I S B O A • 1 9 6 5

650

O PENSAMENTO DE SALAZAR

NO XX° ANIVERSÁRIO DA LIGA
DOS ANTIGOS GRADUADOS
DA MOCIDADE PORTUGUESA

*PALAVRAS PROFERIDAS POR SUA EXCELENCIA O PRESIDENTE
DO CONSELHO, DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, NA AUDIENCIA
À LIGA DOS ANTIGOS GRADUADOS DA M. P., NO PALACIO
DE S. BENTO, EM 27 DE ABRIL DE 1965*

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

L I S B O A

•

1 9 6 5



S.N.T.
478
844
I.N.S.

INCORPORAÇÃO

O BENSERVIO DE SALVA

NO 25º ANIVERSÁRIO DA LIGA
DOS ANTIGOS GRADUADOS
DA CIDADE PORTUGUESA

DEBEMOS RECORDAR QUE A LIGA DOS ANTIGOS GRADUADOS DA CIDADE PORTUGUESA É UMA INSTITUIÇÃO DE CARÁTER CULTURAL E SOCIAL, QUE TEM COMO OBJETIVO PRINCIPAL A MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA DE NÓS, OS ANTIGOS GRADUADOS, E A PROMOVER A UNIDADE ENTRE OS MEMBROS DA LIGA.

SECRETARIA GERAL DA LIGA
1988

Para não ser desnecessariamente longo, escrevi as poucas palavras que hei-de dizer. A reunião da Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa, no 20.º aniversário da sua criação, merecia aliás mais longos momentos de contacto, mas o que já ouvi dispensa-me de repetir as grandes certezas que procuramos viver e de que nas últimas décadas vós mesmos tendes podido dar testemunho. Na confusão de ideias que reina por toda a parte e se infiltrou em todos os domínios, neste desabalado temporal que a todos ameaça e contra tudo investe, é felicidade rara para as Nações conhecerem o sentido da sua história e para os homens disporem sobretudo de um sentido de vida. E só por isso, como dissestes, estivemos tão naturalmente em paz para a qual trabalhámos durante largos anos, como estamos agora em guerra em que nos empenhamos, seguros da nossa razão. Se não víssemos com clareza a causa da luta, não poderíamos conduzi-la, com serenidade e firmeza, no meio da vozearia universal que desconhece ou deforma a verdade dos factos, acende as paixões, perturba a razão dos homens e a consciência dos povos. Respigo das últimas dezenas de horas — só de horas — o seguinte:

Um Ministro responsável de um povo altamente civilizado afirma, em face de uma grande assembleia internacional, que não devia limitar-se a esconjurar a União Sul-Africana, porque também havia opressão em Portugal e em Espanha e nos países da América do Sul. Um chefe africano, conhecido pela inexplicável fobia que o move contra Portugal, lamenta, numa corte europeia da maior respeitabilidade e diante da Rainha de quem

era hóspede, não terem os súbditos desta, em tempos recuados, praticado contra nós e noutros pontos do globo façanhas como as que enfrentámos no Brasil e em Angola, porque, se assim fora, já os respectivos povos gozariam da independência, da cultura, da extremada civilização de que o orador ali dava tão exuberantes provas. Ao mesmo tempo da República da Guiné afluem aos nossos mercados junto das fronteiras e aos postos médicos portugueses gentes que parecem precisar de géneros e cuidados, muito mais importantes para as populações, que as armas fornecidas pelo seu governo aos terroristas que, exceptuando o fruto das pilhagens, não podem tirar das suas depredações qualquer outro proveito. Das mesmas terras chegam populações com seus gados e outros haveres para fixar-se no nosso território da Guiné, sem que levantemos o escândalo de refugiados que evitam a opressão e crueldade dos governantes, pois só vemos no caso pobre gente que entre nós busca ordem para o seu trabalho e paz para a sua vida. Do Senegal agradecemos-nos a maneira como tratamos as populações fronteiriças, o que não impede sejam apresentados de vez em quando protestos na ONU pelas bárbaras agressões por nós praticadas contra o território senegalês. Do Congo escorre diàriamente para Angola um fio, por ora ténue, de exilados — homens, mulheres e crianças famintas — que pretendem voltar às suas terras e à obediência das suas autoridades legítimas; e a parte do mundo ainda consciente ficará assombrada quando, findo o regresso de todos os refugiados recuperáveis, se tornar claro por que se impôs, nesta época da defesa dos direitos humanos, a dezenas ou centos de milhares de pessoas, a forçada ausência do país natal e a precária vida em lugares de recurso. De Goa, libertada do jugo português pelos exércitos da União Indiana, com aplauso quase universal, os goeses, correndo os maiores riscos, fogem só para se acolherem ao seio da pátria da sua pátria.

Evidentemente nada disto impedirá que em todos os paralelos, ao norte ou ao sul do equador, pessoas responsáveis pelos

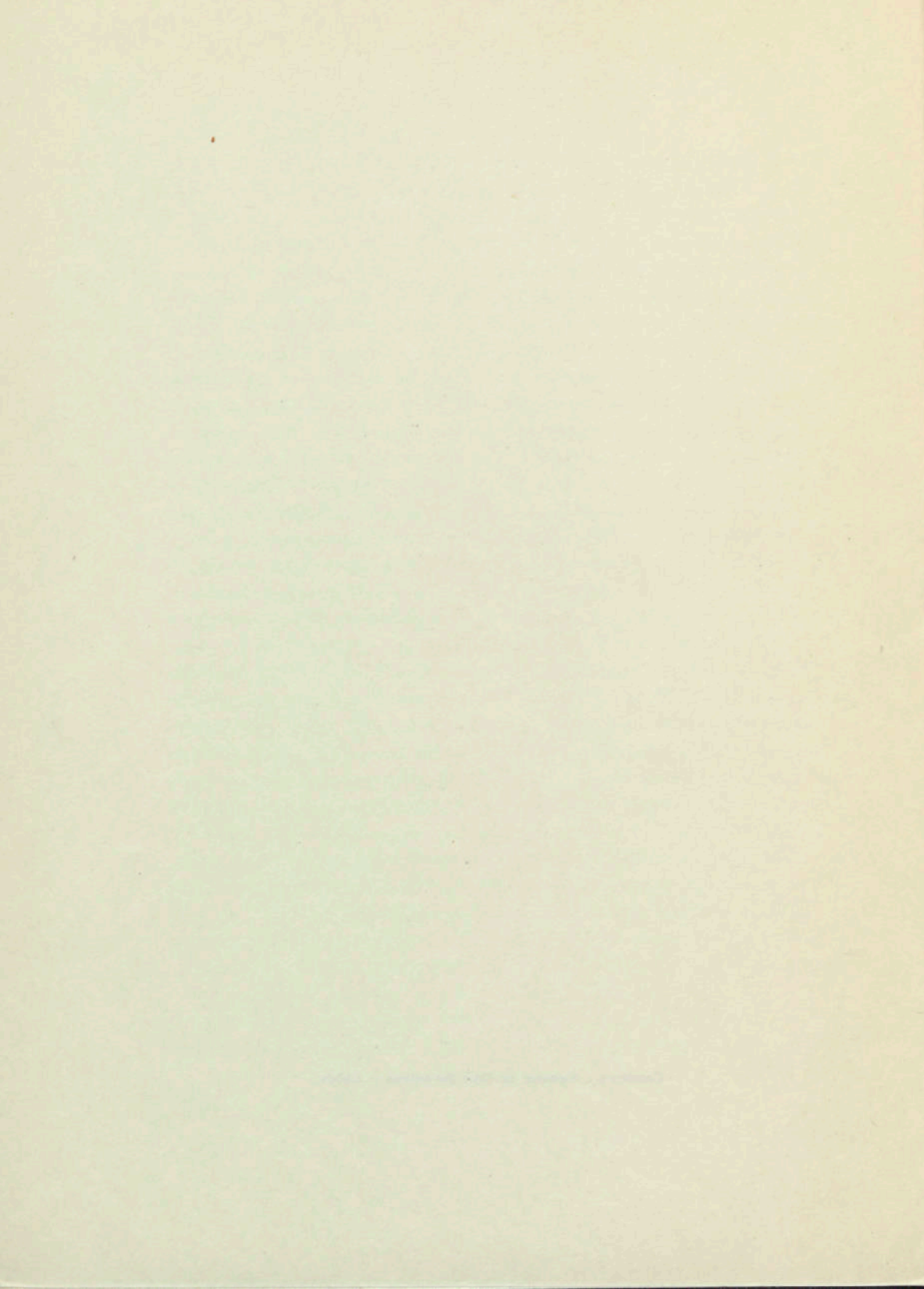
seus países e na sua quota-parte pelo bem-estar da humanidade, continuem a acusar-nos de torvo colonialismo e de opressão de povos inteiros que eles notam, vêem com exacta precisão, na Guiné, em Angola, em Moçambique e aqui mesmo em Lisboa.

Mas, então, direis vós, é que há maneiras diferentes de encarar os problemas, e daí tal diversidade de posições. Eu diria com mais propriedade o seguinte: a verdade é uma só. Rompido o equilíbrio em que durante muito se viveu, as sociedades humanas buscam na confusão daí resultante novos equilíbrios para os seus interesses, e estes são no fundo económicos e políticos, embora ocultos sob a capa de ideologias, que nada ou pouco têm com a essência do problema. E é esta a razão por que não pode pôr-se na hasta pública das discussões apaixonadas o que respeita vitalmente à Nação como de começo a forjaram e a foram pelos séculos moldando os nossos maiores.

É pois a Nação que está em causa, e, diante do problema da sua existência e identidade histórica e moral, não me parece que haja lugar a escolhas. As gerações formadas sob o signo e a inspiração da Mocidade Portuguesa sentem que é assim. E, encarando-as representadas por vós, tantos já combatentes e heróis do Ultramar, lembro-lhes sobretudo a honra de viverem um drama nacional, mais profundo e extenso pelas circunstâncias dos tempos, do que os vividos em séculos passados. Quer dizer que, numa viragem da história do mundo, vós tendes a honra de escrever um capítulo transcendente da nossa própria história.

Quanto a mim, nada mais pretendo que saber interpretar o vosso pensamento, e, como indicava filosoficamente um antigo político, pois que me chamais chefe, sigo-vos.

Composto e impresso na Casa Portuguesa — Lisboa



EDIÇÕES

S.N.I

LISBOA

BN



EFG00000513490

S.N.I